

A Revista HISTEDBR On-line publica artigos resultantes de estudos e pesquisas científicas que abordam a educação como fenômeno social em sua vinculação com a reflexão histórica

Correspondência ao Autor

Nome: Cristiele Borges dos Santos Cardoso

E-mail: cristieleborges2@hotmail.com

Instituição: Rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo, Brasil

Submetido: 18/09/2020

Aprovado: 21/12/2020

Publicado: 15/12/2023

 10.20396/rho.v23i00.8661282

e-Location: e023047

ISSN: 1676-2584

Como citar ABNT (NBR 6023): CARDOSO, C. B. dos S.; CONTE, E. Mini-histórias: experiências de formação e pesquisa. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 23, p. 1-25, 2023. DOI: 10.20396/rho.v23i00.8661282.

Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8661282>. Acesso em: 15 dez. 2023.

Distribuído Sobre



Checagem Antiplágio



MINI-HISTÓRIAS: EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO E PESQUISA¹



Cristiele Borges dos Santos Cardoso*

Rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo



Elaine Conte**

Universidade La Salle

RESUMO

O texto aborda algumas experiências pedagógicas desenvolvidas desde 2017 e voltadas para as práticas estéticas com mini-histórias na Educação Infantil. Trata-se de discutir, por meio da pesquisa-formação, o campo sensível do agir pedagógico, para contextualizar as práticas estético-formativas de mini-histórias à criação de significados. As mini-histórias se configuram como formas de ver e narrar o cotidiano infantil, além de fazer parte da documentação pedagógica oriunda da experiência sensível do aprender com as crianças. As contribuições da investigação estão vinculadas aos processos reflexivos do agir pedagógico, em vista de aperfeiçoar as reelaborações didáticas que envolvem a leitura de imagens das questões humanas e educativas, para escutar as crianças e aprender a ser um professor pesquisador da Educação Infantil, defendendo os direitos da criança de crescer e emancipar-se com os outros.

PALAVRAS-CHAVE: Mini-histórias. Educação infantil. Experiências.

MINI-STORIES: FORMATION AND RESEARCH EXPERIENCES**Abstract**

The text addresses some pedagogical experiences developed desde 2017 and focused on aesthetic practices with mini-stories in Early Childhood Education. It is a matter of discussing, through research-training, the sensitive field of pedagogical action, to contextualize the aesthetic-formative practices of mini-stories to the creation of meanings. The mini-stories are configured as ways of seeing and narrating children's daily lives, in addition to serving the documentation of knowledge from the sensitive experience of learning with children. The research contributions are linked to the reflective processes of pedagogical action, with a view to perfecting didactic re-elaborations that involve reading images of human and educational issues, to listen to children and learn to be a connective teacher of early childhood education, to defend rights child's growth and emancipation with others.

Keywords: Mini stories. Child education. Experiences.

MINICUENTOS: EXPERIENCIAS DE FORMACIÓN E INVESTIGACIÓN**Resumen**

El texto aborda algunas experiencias pedagógicas desarrolladas desde 2017 y centradas en prácticas estéticas con mini historias en Educación Infantil. Se trata de discutir, a través de la investigación-capacitación, el campo sensible de la acción pedagógica, para contextualizar las prácticas estéticas y formativas de las mini historias para la creación de significados. Las mini historias se configuran como formas de ver y narrar la vida cotidiana de los niños, además de servir la documentación del conocimiento de la experiencia sensible de aprender con los niños. Los aportes de investigación están vinculados a los procesos reflexivos de la acción pedagógica, con miras a perfeccionar las reelaboraciones didácticas que implican leer imágenes de lo humano y educativo, escuchar a los niños y aprender a ser un docente conectivo de la educación infantil, defender los derechos de crecimiento y la emancipación del niño con los demás.

Palabras clave: Mini-historias. Educación infantil. Experiencias.

PROVOCAÇÕES INICIAIS

“A robustez do fio não está no fato de que uma fibra percorre toda a sua extensão, mas de que muitas fibras são trançadas umas com as outras”
(Wittgenstein, 1984, p. 580).

A argumentação se concentra em apresentar algumas experiências que vêm sendo desenvolvidas desde 2017 até a atualidade, por meio de relatos de oficinas pedagógicas, a partir de uma pesquisa-formação voltada para a formação de um laboratório de aprendizagem com professores da educação básica sobre mini-histórias². Essa proposta de intencionalidade formativa contempla a possibilidade de mudança das práticas educacionais e gira em torno de melhorar os processos e práticas pedagógicas desde a Educação Infantil (EI), colocando em ação uma perspectiva de formação desenhada na reflexão interdisciplinar e na socialização de experiências, de aprendizagens cooperativas, indo além do desenvolvimento de competências (González; Martín; González, 2019). O estudo foi realizado no campus de uma universidade comunitária de Canoas/RS e envolveu dez (10) acadêmicos(as) do curso de Pedagogia e dez (10) professores de colégios distintos, além de um grupo de pesquisa que coordenou as atividades. O relato dessa pesquisa-formação permite discutir em que medida as mini-histórias como forma de documentação pedagógica acompanhadas por uma intencionalidade de registros visuais no cotidiano da Educação Infantil (EI) podem ser entendidas como um processo de pesquisa educacional durante a formação integral na EI, para contribuir com os novos significados na pesquisa baseada na cultura da infância. “E como compreender que os enunciados poéticos ou literários ganham corpo, que tenham efeitos reais, ao invés de serem reflexos do real?” (Rancière, 2009, p. 52).

Ao estudar as mini-histórias e outras práticas diferenciadas possíveis na EI³, abordamos a necessidade da documentação pedagógica bem como o uso de recursos visuais para realizar análises e pesquisas com crianças. Para sintetizar a importância dos registros e do processo de documentação pedagógica em processos de investigação, retomamos as ideias de Lella Gandini e de Carolyn Edwards (2002) e de Paulo Fochi (2019). O cotidiano da escola infantil é algo que desperta o pensar dos professores, especialmente no ato de escutar as crianças que estão crescendo e potencializar a criação coletiva do contexto educativo, com base em evidências *de produção de conhecimento pedagógico e de autoformação dos profissionais envolvidos* (Fochi, 2019). O *ciclo de investigação* inicia com a formulação de ideias, perguntas e a observação sensível das crianças por parte dos professores, que escutam e percebem os interesses das crianças e dão voz as experiências realizadas pelas infâncias sob a forma de diferentes linguagens e expressões (Gandini; Edwards, 2002). A partir daí, surgem os registros de investigação, as observações, os registros fotográficos e as estratégias de compreensão e descoberta que as próprias crianças fizeram nos processos de aprendizagem por meio das mini-histórias.

Evidentemente, tais experiências não retratam a totalidade dos modos de ver e agir das práticas de mini-histórias em suas singularidades e diferenças, mas dá visibilidade a um

recorte para a partilha do sensível como forma de disposição estética (Rancière, 2009). Vamos explorar as possibilidades da documentação pedagógica, por meio de mini-histórias, como um processo formativo de busca por fontes de conhecimento na primeira infância, tendo em vista o sentido de trabalhar pedagogicamente com crianças pequenas, que se transforma em encantamento e curiosidade epistemológica, para oferecer a essas crianças condições de fala e novas formas de conhecer e explorar o mundo, a partir de um trabalho pedagógico sensível aos corpos, percepções, ritmos e modos de dizer, reconhecendo por imagens como reagem a situações do cotidiano (Santos; Conte; Habowski, 2019). A relevância desse campo de experiência e linguagem estética (das imagens fotografadas) na EI se desdobra “[...] entre a potência de significação inerente às coisas mudas e a potencialização dos discursos e dos níveis de significação” (Rancière, 2009, p. 55). Aliás, “[...] o regime estético das artes não começou com decisões de ruptura artística. Começou com as decisões de reinterpretação daquilo que a arte faz ou daquilo que a faz ser arte” (Rancière, 2009, p. 36).

O QUE SÃO MINI-HISTÓRIAS?

Como se sabe, mini-histórias são breves relatos poéticos (de cuidado estético) acompanhados de sequência de imagens oriundos da vida cotidiana na escola. O compartilhamento dessas mini-histórias com as crianças, famílias e a comunidade escolar é uma forma de comunicar aprendizagens de intensidade sensível, narrando e dando voz às crianças que aprendem através da curiosidade e da interação com o mundo. Começamos a escrita colaborativa das mini-histórias em 2017 e, desde então, ampliamos e aperfeiçoamos o nosso entendimento sobre esta abordagem de pesquisa na Educação Infantil, assim como as formas de (re)elaboração e reconstrução das mini-histórias. As mini-histórias vêm ganhando espaço e amparo legal, especialmente com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), na etapa da Educação Infantil, projetada a partir da garantia de direitos de aprendizagem e desenvolvimento na Educação Infantil, por meio de campos de experiências, além de ser alvo de pesquisas nos últimos anos (Brasil, 2017; Conte; Cardoso, 2022a; Fochi, 2019). As mini-histórias permitem a construção de conhecimentos visuais na infância que vão da documentação à narração por imagens⁴.

Soma-se a isso, a necessidade da participação coletiva no espaço e tempo do trabalho pedagógico, tendo em vista os interesses e necessidades próprios aos projetos de formação com outros sujeitos, neste caso, crianças, e conteúdos formativos da própria experiência vital.

- As relações entre os participantes, incluindo quem orienta ou propõe a pesquisa, são de sujeitos-sujeito; - Os objetos de pesquisa são construídos pelo coletivo, dependendo da especificidade dos conhecimentos derivados da experiência; - Os dados da pesquisa são construídos mediante interações de todos os participantes do coletivo. O processo habitualmente chamado de coleta, sistematização, análise dos dados é parte da construção dos mesmos; - O rigor da pesquisa se dá na máxima aproximação das

explicações advindas do coletivo que gera as informações sobre a situação objeto. Essa aproximação resulta das relações subjetivas, derivadas de elementos ideológicos, políticos, sociais e culturais específicos do coletivo, embora no âmbito da sistematização universal dos conhecimentos; - A metodologia de pesquisa-formação das pessoas do e para o coletivo objetiva a construção de consensos, nos quais a permanente circulação das informações se caracterize pela criação de condições, para que todos os participantes tenham equitativas possibilidades de comunicar-se (Alvarado Prada, 2005, p. 631).

Tal análise é composta também por uma documentação pedagógica registrada em fotos, com suas respectivas autorizações de uso de imagem, bem como por reflexões teóricas que serviram de inspiração na prática pedagógica e que foram escolhidas para compor o processo de investigação. Nas palavras de Nóvoa (1996, p. 17), “[...] a inovação só tem sentido se passar por dentro de cada um, se for objeto de reflexão e de apropriação pessoal”. Daí a necessidade de buscar, com esta pesquisa, alternativas para pensar e criar novas metodologias de ação do trabalho pedagógico, de educar-se, de formar-se, de ler e aprender com os outros nas múltiplas possibilidades de interação com o conhecimento. A apropriação dos conhecimentos no campo da Educação Infantil envolve aspectos em que a racionalidade se mistura com a pragmaticidade e a emocionalidade, em que as atuações são utilizadas para a compreensão do (re)conhecimento e da leitura da realidade. Nesse contexto, Miranda (2012, p. 17) defende a pesquisa-ação como um processo de “[...] ação-refletida, resultante do movimento de pensar sobre o real tendo como ponto de partida os seus problemas, e como ponto de chegada a proposição de ações intervencionistas”. Tal procedimento metodológico permite avaliar o impacto das mini-histórias em experiências pedagógicas, bem como orientar e criar estratégias para promover novas abordagens com a sua inclusão/problematização. Mas, como indaga André (2008, p. 55), “[...] que condições têm o professor que atua nas escolas, para fazer pesquisas” e participar de processos de formação permanente por meio de reflexões mais aprofundadas como um pesquisador e agente de mudanças, que ressignifica conhecimentos, por perspectivas arraigadas cada vez mais em seu trabalho cotidiano? Pesquisas recentes sobre a percepção de estudantes do curso de Pedagogia sobre a formação prática indicam:

Entre los resultados principales se destaca una positiva valoración de esta área de formación, por cuanto permite una temprana inmersión en la realidad escolar y un acercamiento al rol profesional docente; asimismo, se reconoce como un espacio que contribuye a promover procesos reflexivos sobre las complejidades del quehacer pedagógico, aunque a nivel individual. Por otro lado, se observa que persiste una distancia entre el conocimiento académico y los saberes requeridos desde el aula escolar y la ejecución de asignaturas-taller centradas en transmisión de contenidos, situación que continúa en la línea de legitimar un entendimiento técnico-aplicacionista de este ámbito formativo (Turra-Díaz; Flores-Lueg, 2019, p. 385).

Tudo indica que compartilhar uma proposta de formação prática que aproxima sistemas e espaços educativos distintos traz inquietações e dúvidas ao itinerário formativo do trabalho pedagógico porque implica a ressignificação do processo de aprender a atuar como fundamento do próprio conhecimento pedagógico, a partir do diálogo com a complexidade dos contextos escolares. No entanto, experimentar as pesquisas com mini-histórias desde a Educação Infantil provoca o olhar do professor sobre o próprio trabalho pedagógico e desacomoda-o em suas experiências cotidianas. Projetar ações e fortalecer novas metodologias se apresenta como um convite para a produção do conhecimento e para dialogar sobre o tema com professores em constante formação. Trata-se de uma oportunidade de ensinar e também de aprender, pois ensinar é um processo indissociável do aprender. Turra-Díaz e Flores-Lueg (2019) alertam para a necessidade de compreender que a prática reflexiva é um produto social que requer a mediação de outros e artefatos culturais que a facilitem, ao mesmo tempo em que são necessárias duas condições essenciais: tempo e espaço para a reflexão, juntamente com formadores preparados para promover esse processo.

O objetivo das oficinas sobre mini-histórias não foi de oferecer algo pronto em forma de um manual de como produzi-las, mas justamente de gerar o processo formativo e reconstrutivo presente na própria prática pedagógica e na escrita delas. Inspirados na metáfora do *flâneur* benjaminiano surge a criança desordeira, de olhar imaginativo, com seus passos transformadores, suas (re)construções. Daí que o movimento para escutar a criança e reconhecer suas experiências de crescimento cotidiano é um convite aos professores para aprenderem a reconquistar a própria cultura da infância.

Criança Desordeira. Cada pedra que ela encontra, cada flor colhida e cada borboleta capturada já é para ela princípio de uma coleção, e tudo que ela possui, em geral, constitui para ela uma coleção única. Nela essa paixão mostra sua verdadeira face, o rigoroso olha índio, que, nos antiquários, pesquisadores, bibliômanos, só continuam a arder turvado e maníaco. Mal entra na ida, ela é caçador. Caça os espíritos cujo rastro fareja as coisas; entre espíritos e coisas ela gasta anos, nos quais seu campo de visão permanece livre de seres humanos. Para ela tudo se passa como em sonhos: ela não conhece nada de permanente; tudo lhe acontece, pensa ela, vai-lhe de encontro, atropela-a. Seus anos de nômade são horas na floresta do sonho. De lá ela arrasta a presa para a casa, para limpá-la, fixa-la, desenfeitiçá-la. Suas gavetas têm de tornar-se casa de armas e zoológico, museu criminal e cripta. Arrumar significaria aniquilar uma construção cheia de castanhas e espinhos que são maçãs medievais, papéis de estanho, que são um tesouro de prata, cubos de madeira que são ataúdes, cactos que são totens e tostões de cobre que são escudos. No armário de roupas de casa da mãe, na biblioteca do pai, ali a criança já ajuda há muito tempo, quando no próprio distrito ainda é sempre anfitrião inconstante, aguerrido (Benjamin, 2000, p. 39).

O professor pesquisador pode encontrar-se com a Educação Infantil para aprender a ser um profissional desde a infância no reconhecimento das conectividades com os olhares,

metáforas e linguagens das crianças. A seguir, apontamos como ocorreram as oficinas pedagógicas e os debates em torno dos impactos e inquietações desta investigação na Educação Infantil, assim como seus desdobramentos nos processos formativos e pedagógicos acerca das mini-histórias.

PROCESSOS PEDAGÓGICOS *VERSUS* OFICINAS DE MINI-HISTÓRIAS

“O conhecimento é sempre tradução e construção. Resulta daí que todas as observações e todas as concepções devem incluir o conhecimento do observador-conceitualizador. Não ao conhecimento sem autoconhecimento. Todo o conhecimento supõe ao mesmo tempo separação e comunicação”
(Morin, 2006, p. 136).

O enfoque metodológico da pesquisa-formação (Josso, 2006) serviu de base para a reflexão sobre a prática, cujos elementos observáveis das oficinas realizadas foram registrados nesse trabalho, a fim de compreender, ressignificar e projetar narrativas (auto)formativas. As discussões das oficinas aqui elencadas foram orientadas por três momentos pedagógicos, com o objetivo principal de produzir noções básicas e o reconhecimento das mini-histórias nos processos pedagógicos da Educação Infantil. As educadoras concordaram em participar de forma voluntária do estudo e autorizaram o uso de imagem para fins de divulgação científica.

Um dos processos de formação ocorreu na Universidade La Salle (UNILASALLE, Canoas/RS), em 2018, por uma equipe interdisciplinar de professores e promovida pelo Núcleo de Estudos sobre Tecnologias na Educação (NETE/CNPq). Na tentativa de compartilhar experiências com as tecnologias na educação e refletir sobre a importância da democratização dos conhecimentos, desde o primeiro encontro com os participantes concordamos em fazer uma narrativa visual da própria formação que descrevesse, o que havia ocorrido nesse período, com o objetivo de compartilhar saberes com outros públicos. O processo de documentação visa a construção de sentidos em meio às tecnologias educativas na complexidade do agir pedagógico, do que é apreendido e tecido junto, a fim de superarmos uma pedagogia da infância oprimida. Vale destacar que tais experiências foram desenvolvidas com vistas ao próprio processo de formação e discussão das temáticas de educação estética e vida sensível que estão por vir, e não para o registro e documentação. Acrescentamos que o trabalho pedagógico com mini-histórias enquanto campo de experiência coletiva pertence à lógica do professor comunicacional, artista, de autonomia estética, e escritor sensível, pois “[...] valoriza-se a determinação da arte como forma e autoformação da vida” (Rancière, 2009, p. 39).

Nesta proposta organizada em forma de Curso de Extensão, a partilha de conhecimentos ocorreu por meio de um ciclo de formações composto por dez encontros e teve como público-alvo um grupo criado por demanda espontânea, e composto por 10 professores da rede pública de ensino, 10 estudantes de graduação (estagiárias do curso de Pedagogia) e 10 estudantes da pós-graduação, além dos professores responsáveis pelas oficinas. Na tentativa de dar continuidade às oficinas de formação permanente, a professora responsável pelo curso organizou ao longo de 2019 uma coletânea de ensaios com as temáticas das oficinas, tendo em vista a necessidade de dar visibilidade ao trabalho colaborativo na proposição de projetos entre os professores com a exploração das metodologias com crianças na escola.

Além disso, cabe destacar que os elementos observáveis e da escuta sensível são provenientes de uma educadora fotografando com um celular cenas de interações das crianças no cotidiano na EI, para posterior registro em forma de narrativa do episódio vivido pelas crianças entre elas, com os objetos ou com o meio ambiente. Embora o professor esteja envolvido no projeto pedagógico com as crianças prezando o cuidado, o acompanhamento e o educar, seu papel na EI precisa também estar focado na documentação, para que a família, a escola e a comunidade possam reconhecer o plano formativo nesta etapa da criança. Isso significa que no momento do registro, o professor não interfere nas discussões entre as crianças, mas dá voz e autoria à criança em sua própria ação no mundo. No entanto, essa documentação agrega também a subjetividade do olhar pedagógico e a escuta sensível no tempo/espço escolar, para acolher as crianças, escolher ou tentar capturar, por meio de fotografias, as cenas mais significativas do desenvolvimento de cada criança. A obra⁵ que mostramos abaixo (Imagem 1) é instigante para fazermos analogias com a dimensão pedagógica dos movimentos formativos necessários para a construção de mini-histórias. A obra desvela a preocupação do professor no momento de sua realização (atividades) no cotidiano escolar, tendo em vista a observação e análise do percurso reconstruído à produção da partilha do sensível e da comunicação acerca do potencial das mini-histórias. A imagem expressa a amplitude compreensiva de um processo de construção, em permanente busca e reinvenção do cotidiano, assim como acontece nos ambientes de Educação Infantil. À primeira vista, a obra impacta turistas externos, mas no ir e vir apressado dos transeuntes da própria cidade ela passa despercebida, algo semelhante aos contextos brincantes da primeira infância, que nem sempre trazem uma visão completa, especialmente se pensarmos na superfície do que é evidenciado apenas nos trabalhos (atividades avaliativas de retorno aos pais e responsáveis) de sala de aula.



Imagem 1 – *Écoute* (Escuta)
Fonte: Henri Miller (1986).

Nesse contexto sensível da arte na EI, o texto *A Escutatória*, escrito por Rubem Alves (1999), é um convite ao exercício de uma pedagogia da escuta voltada às crianças. Aprender a ouvir o outro, que nos dá sentido, é o primeiro desafio para uma práxis humanizadora e emancipatória, na partilha de sensibilidades, no encontro das nossas emoções e das visibilidades socioculturais. Vivemos um tempo de clausura e de compulsão à comunicação, num turbilhão de sentimentos, que repercutem no desgaste emocional desde a infância, pela falta de conversa, do olhar sensível e da escuta do outro. Os processos de formação, ensino e aprendizagem na EI normalmente são de docência compartilhada nas turmas, o que colabora na realização da abordagem de produção cooperativa com mini-histórias. As primeiras condições para a documentação pedagógica da narrativa visual com mini-histórias são de que o espaço escolar esteja organizado de modo convidativo para o brincar e o explorar das crianças, assim como foi a oficina pedagógica desenvolvida, ou seja, com algumas mini-histórias espalhadas pelo ambiente. Participaram da primeira oficina dez educadoras, na sua grande maioria professoras do município de Canoas e/ou rede privada. Inicialmente, contamos um pouco sobre a história de vida com base na prática com mini-histórias na Educação Infantil e como vem sendo desenvolvida historicamente e reelaborada na própria prática investigativa e pedagógica. Em seguida, partimos para um outro processo que foi a prática experimental da oficina para explicar um processo de formação e construção de uma outra narrativa visual que, ao mesmo tempo, era o processo de analisar as evidências da documentação.

Nesse sentido, foram levadas algumas sequências de fotos impressas de crianças de uma turma (com autorização de seus responsáveis) e foi lançada a proposta de que em folhas A3, em duplas ou trios, as participantes produzissem mini-histórias e narrassem o que viam por meio das imagens. Mas, como construir uma narrativa visual interpretada? Nesse

processo, levamos em consideração os seguintes passos: a) recuperar o conhecimento implícito nas fotografias e tentar imaginar o contexto; b) tornar a imagem visual (de sequências fotográficas) uma construção narrativa e poética à elaboração pedagógica (uma investigação sobre as possibilidades de narração); d) descobrir os conhecimentos produzidos pelas crianças na interação fotográfica apresentada e os assuntos envolvidos em sua construção (edição por parte dos participantes), para assim reescreverem a mini-história com uma linguagem compreensível; e) Em relação à formalização visual, cabe priorizar a escrita de um texto curto, comunicativo e atrativo para todas as pessoas.

Com base em Sánchez (2013), entendemos a imagem como um dispositivo que permite causar estranhamentos, simulações, representações da realidade, (re)conhecimentos, narrativas, que podem ser resgatadas pela abertura ao outro, conversando, identificando vozes da infância, ideias, conceitos, enfim, algo que se alinha ao processo de formação. A partir disso, “[...] trata-se, nesse regime, de saber no que o modo de ser das imagens concerne ao *ethos*, à maneira de ser dos indivíduos e das coletividades. E essa questão impede a *arte* de se individualizar enquanto tal” (Rancière, 2009, p. 29). Os passos mencionados acima foram acontecendo simultaneamente durante o processo de visualização das fotografias, leitura de imagens (alguns minutos) e escrita da mini-história proposta. Neste ponto, enquanto procurávamos referências sobre a temática, aprendíamos novos modos de narração visual com os participantes e construíamos esse relato a partir dos momentos-chave resgatados de cada uma das experiências desenvolvidas com as oficinas. A partir dos registros fotográficos e da documentação pedagógica dos diferentes processos de formação foi possível construir essa conversação das experiências com mini-histórias. Após a produção narrativa do que comunicavam esses registros fotográficos das crianças, mostrando atitudes e expressões vividas no cotidiano escolar, as professoras foram convidadas a apresentar o relato narrativo e imagético produzido.



Imagem 2 – Professoras na oficina.

Fonte: Imagens de acervo das autoras (2018).

Ainda, relatamos uma outra oficina, junto à disciplina de Ação docente na Educação Infantil (0 a 3 anos), com uma aula inspirada pelas “Experiências de Mini-Histórias na Educação Infantil”. A oficina teve uma apresentação inicial da proposta, contextualizando essa abordagem por meios de teóricos do Brasil e do exterior que investigam a temática e, na sequência, desenvolvemos a aplicação prática com mini-histórias em pequenos grupos, a partir de imagens das crianças atuando em contextos do cotidiano escolar. Vale ressaltar que o diferencial desta oficina foi que produzimos um outro desfecho final para a oficina. A intencionalidade foi contrastar as mini-histórias produzidas na aula com as que já havíamos produzido com as mesmas sequências de imagens. O objetivo foi apontar que cada professor tem um olhar sobre as situações observadas e que essa perspectiva está diretamente ligada à ideia que o professor tem da cultura da infância e das percepções pedagógicas acerca do trabalho com as crianças.



Imagem 3 – Estudantes do curso de Pedagogia na oficina.

Fonte: Imagens de acervo das autoras (2019).

Outras duas oficinas foram ministradas em diferentes escolas infantis, públicas, do município de Campo Bom/RS. Uma das escolas foram as professoras que mobilizaram esforços com a gestão escolar para solicitar a oficina por necessidade de conhecer um pouco mais sobre essa proposta, e a outra escola foi a equipe diretiva que fez o convite. Apresentamos de forma teórico-prática como na primeira oficina as vivências das mini-histórias, mas a parte da experimentação modificamos um pouco. Tratando-se de um grupo específico de uma escola, solicitamos, com antecedência, que as professoras levassem fotos digitais com sequências de imagens de crianças de sua turma e um *notebook* para a produção das mini-histórias. A modificação foi pensada para contemplar e incluir o contexto da escola, visto que na experiência anterior as participantes não conheciam as crianças e não tinham presenciado a cena. Assim, a prática teria mais sentido e contemplaria o exercício da

produção conjunta de mini-histórias. Além disso, as participantes poderiam aproveitar o que haviam produzido para usar na composição dos registros das crianças.



Imagem 4 – Formação com professoras.
Fonte: Imagens de acervo das autoras (2019).

Em outra oportunidade, em uma escola da Rede Municipal de ensino de Novo Hamburgo/RS, partilhamos, em 2019, a experiência prática com as mini-histórias. Nesta escola, a comunicação e oficina ocorreram como nas escolas de Campo Bom/RS onde apresentamos um breve relato e um vídeo para contextualizar as mini-histórias. Neste encontro, as professoras trouxeram imagens das crianças de suas respectivas turmas, para pensarmos enredos e formas de produzir escritas em (co)autoria e articulação com as imagens.

No desenvolvimento das oficinas criamos um roteiro baseadas na própria experiência de trabalho com as mini-histórias, buscando formas de traduzir metodologicamente a produção destas na escola. Fochi (2019) apresenta também um pequeno guia de como escrever uma mini-história. A seguir, elencamos um guia de sugestões para dar os primeiros passos nessa abordagem, com base em nossas reconstruções pragmáticas.

- Promova experiências ricas no mundo e com materiais diversos, em conjunto com as crianças (Gandini, 2019).

- Pergunte às crianças o que elas veem, pensam e sentem, bem como questione sobre as compreensões que têm das experiências.

- Registre cenas do cotidiano das crianças, sequência de fotos que mostrem atitudes, interações, narrativas, olhares, situações da vida real, expressões...

- Observe as crianças, perceba, faça os registros e escolha algo para contar. Busque identificar um fio narrativo que ajude na construção do texto.

- Reconheça que todas as linguagens expressivas, cognitivas e comunicativas das crianças se formam por reciprocidade e se desenvolvem por meio de experiências (Gandini, 2019). “É essencial preservar nas crianças (e em nós mesmos) o sentido de encantamento e surpresa, pois a criatividade, assim como o conhecimento, é filha da surpresa” (Gandini, 2019, p. 36).

- Reconheça as possibilidades da criança em construir novas formas de linguagem, constituindo-se coautora na participação da aprendizagem em suas variações históricas e socioculturais (Gandini, 2019).

- Organize as imagens em um *slide* de *Power Point*. Atente-se ao *layout*, ou seja, para a disposição do texto e imagens.

- Comece a escrever, inicialmente em forma de texto descritivo e depois volte e escreva com o sentido pedagógico dessa vivência.

- Leia e pense sobre o que você escreveu, se estas palavras acolhem a complexidade da lógica da troca e do compartilhamento na ação das crianças.

- Ofereça para alguém ler e observar se o texto está claro e criativo, ou se a colega tem alguma sugestão para modificação. Reescreva se for necessário.

- Salve em formato *JPEG*. Imprima e compartilhe em um lugar visível para que os colegas, familiares e crianças possam visualizar. Publique digitalmente na rede social da escola para adquirir mais conhecimento pedagógico interpares e sentido socioeducacional.

UM OLHAR REFLEXIVO SOBRE AS EXPERIÊNCIAS NAS OFICINAS

Os encontros (oficinas) realizados de 2017 a 2019 resultaram em paradoxos da investigação e da aprendizagem: ora centrado na vontade de aprender que inspirou conversas entre os educadores ora nas memórias adormecidas da experiência sensível através da educação. Desde a primeira experiência, as participantes demonstraram bastante interesse e entusiasmo, mas destacamos ser necessário esforço para envolver e mobilizar os professores que atuam nas escolas de Educação Infantil em cursos de extensão. Acharam difícil começar a escrita pois não sabiam por onde começar e não possuíam o hábito da escrita em coautoria. Relataram ainda que encontraram dificuldade visto que não conheciam a criança e não sabiam o que ocorreu de fato nesses momentos flagrados pela sequência de práticas. Realizaram relatos diversificados, alguns mais poéticos, outros mais descritivos e objetivos. Alguns curtos, outros mais extensos. Mas ficaram orgulhosas no momento de apresentar e socializar o resultado para o grande grupo.



Imagem 5 – Participantes da oficina apresentando as mini-histórias construídas.

Fonte: Imagens de acervo das autoras (2018).

Frente a isso, rejeitamos a hipótese de que as imagens falam por si mesmas, e em relação à produção de mini-histórias, as interpretações narrativas e ponderações são condicionadas por percepções e valores constitutivos do horizonte da própria vivência prática. Ao refletir sobre o apontado pelas educadoras na primeira experiência, nas escolas de Campo Bom/RS, resolvemos partir do contexto da escola, aproximando a prática do trabalho pedagógico. É uma perspectiva de epistemologia socioconstrutivista que ganha legitimidade no variado terreno dos conhecimentos pedagógicos, das construções sociais e das práticas humanas (Conte; Cardoso, 2023).

Na escola onde as educadoras solicitaram a oficina, a prática foi bem aceita, com entusiasmo e alegria, envolvendo os múltiplos agentes do conhecimento. Demonstraram satisfação em expressar as narrativas com base nas imagens e conseguiram realizar plenamente o que foi proposto. Na outra escola, onde a equipe diretiva idealizou e agenciou a proposta, foi um pouco diferente a recepção do grupo. Algumas participantes demonstraram interesse e ficaram felizes. Outras pareciam desmotivadas e não conseguiram concluir a atividade proposta no dia. Isso nos leva a pensar também sobre a formação dos professores, pois, quando são convidadas a formular novas narrativas, discutir e produzir diferentes formas de registro do cotidiano ficam desanimadas⁶, por motivos externos, como a desvalorização do trabalho pedagógico, a falta de um plano de carreira, o excesso de demandas burocráticas que habitualmente acaba ritualizando mecanicamente práticas descontextualizadas, que impedem uma troca aberta e criativa. Em relação à tecnologia, ficou evidente que algumas profissionais não sabiam lidar com ferramentas simples como *Power Point* e edição de imagens. Esse fato chamou a nossa atenção, visto que a tecnologia está tão presente no cotidiano das pessoas, mas ainda não sabemos usar os *softwares* básicos⁷. Na escola da rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo/RS, as professoras estavam motivadas e com muitas dúvidas sobre a escrita. Conversamos que não existia uma verdade textual a ser seguida, mas que algumas coisas deviam ser observadas como forma


de organização da escrita. Tal delimitação e ordenação escrita pode ser comparado ao que Rancière (2009, p. 30) identifica no par *poiesis/mimesis*:


O princípio mimético, no fundo, não é um princípio normativo que diz que a arte deve fazer cópias parecidas com seus modelos. É, antes, um princípio pragmático que isola, no domínio geral das artes (das maneiras de fazer), certas artes particulares que executam coisas específicas, a saber, imitações. Tais imitações não se enquadram nem na verificação habitual dos produtos das artes por meio de seu uso, nem na legislação da verdade sobre os discursos e as imagens.

Neste dia, pensamos juntas alguns possíveis enredos, a partir das imagens que trouxeram e das implicações de ensinar a ver, a escutar e a lançar proposições pedagógicas no envolvimento com as crianças. O gesto de fotografar e fazer a documentação repercutem em processos de construção do conhecimento humano, tendo sentido nos relacionamentos e sutilezas do mundo com o outro⁸. Posteriormente, acompanhamos a produção dessas mini-histórias das participantes, por meio do *Facebook* da escola. No decorrer da pesquisa, executamos a intuição sensível e a imaginação no trabalho coletivo, como forma de oportunizar o olhar holístico das experiências e circunstâncias no cotidiano escolar.



Cozinhar é uma arte!

Na educação infantil o lúdico e as brincadeiras de faz de conta estão sempre presentes no cotidiano das crianças. Num fim de tarde,  teve uma grande ideia quando avistou uma panelinha em meio aos brinquedos. Após alguns minutos de observação e tentativas de acertar a tampa da panela, encontrou a tampa correta para preparar sua comidinha.

 preparou em sua panelinha uma deliciosa comidinha oferecendo para todos os amigos da turma.

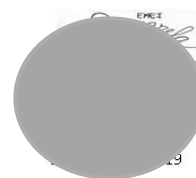


Imagem 6 – Mini-história produzida em uma oficina do município de Campo Bom/RS.

Fonte: Imagens de acervo das autoras (2019).

A ÁRVORE QUE ENCANTA



Laura observando em silêncio com seu olhar vivo, penetrante, e sem medo de demonstrar suas emoções, como uma exímia pesquisadora avalia cada segundo de contato com a natureza, em busca de respostas para algumas hipóteses que estariam passando por sua cabeça. Para quem apreciava este momento de fora, pareciam horas, horas aquelas que poderiam descrever a magia do contato ali vivido. Em um instante Laura olhou para o lado e chamou sua colega Amanda para dividir junto com ela o que a encantou. Talvez pensou que juntas conseguiriam investigar melhor.

O que será que tinha nesta árvore, que encantou tanto Laura e Amanda? Doce mesmo, é o olhar de uma criança, é ver o poder da criação e da sua criatividade.



Crianças: Laura e Amanda

Faixa Etária: 2A

Texto e Fotos: Júlia Santos



Imagem 7 – Mini-história produzida a partir da oficina realizada na rede municipal de ensino de Novo Hamburgo/RS.

Fonte: Imagens de acervo das autoras (2019).

Na partilha de experiências sempre aprendemos, pois professores estão em constante aprendizado em suas relações com as crianças – artistas de cem linguagens em seus ateliês, “[...] onde há tempo para olhar e escutar, para a liberdade de expressão, e onde existe o compromisso de aprofundar as questões que devem ser abordadas: as próprias qualidades de criatividade, imaginação, expressividade” (Gandini, 2019, p. 17). Assim, na oficina realizada com o grupo de estudantes da disciplina de Ação docente na Educação Infantil fomos levadas a pensar sobre diversos aspectos, sendo um deles os diferentes olhares que podemos ter diante da mesma situação e das mesmas crianças. Discutimos sobre isso a partir da comparação das mini-histórias produzidas pelos graduandos e a produzida pela professora da turma, que visualizou e realizou a produção da sequência fotográfica da criança. Não se trata aqui de juízo de valor, mas de visões diferentes acerca do mesmo fato, da posição dos participantes, que revela a diversidade e as tensões que podem surgir durante o processo. Também é interessante observar que os estudantes de Pedagogia normalmente têm uma ideia romantizada das crianças. A revisão crítica dessa aula nos fez ver que muitos perceberam as mini-histórias como uma escrita inventiva, com muitas metáforas, não dando-se conta de olhar para a criança como um sujeito real.



Gabriel que nos uniu às
várias mãos amigáveis, sempre
rindo e descobrindo novidades.



No início tudo era grande, Gabriel
vivia em um mundo de gigantes.
Um pesquisador incessante em busca
da porção mágica para crescer.



Cite que um dia descobriu uma máquina
que além de fazê-lo crescer o ajudava
a se destacar bem mais rápido.

Na realidade, Gabriel era o garoto que voou antes
de andar.

Imagem 8 – Mini-história produzida na oficina por um grupo de estudantes, a partir das imagens e contextos disponibilizados.

Fonte: Imagens de acervo das autoras (2019).

A conquista de Gabriel



Ao longo deste semestre Gabriel conquistou a marcha, e gradualmente seus movimentos lhe possibilitaram uma liberdade maior de deslocamento. Isso contribuiu para que de forma mais autônoma pudesse eleger espaços para brincar. Neste dia, o escorregador foi seu foco de interesse. Com muita determinação aproximou-se, e começou a escalar. Parecia ser um longo caminho, mas Gabriel estava disposto a tentar. No meio do percurso, me procura com o olhar. Eu, e os outros professores que acompanham a cena, o incentivamos a continuar.



Quando Gabriel chega lá no topo, sorri euforicamente realizado com sua conquista. É chegado o momento de escorregar. Para nossa surpresa, encontra uma forma rápida de descer. Impulsiona-se e vira-se de bruços, e quando chega lá embaixo sorri novamente satisfeito. Levanta-se e vai novamente várias vezes. Presenciamos toda esta aventura, felizes em ter o privilégio de participar do crescimento de Gabriel.

Que assim como Gabriel, tenhamos sempre um sorriso largo no rosto para experimentarmos o gosto doce que a vida tem.



Criança: Gabriel
Imagens: Cristiele
Texto: Bruna, Cristiele
e Joandre Turma FE1
Julho/2019



Imagem 9 – Mini-história produzida em coautoria em uma turma de docência compartilhada.

Fonte: Imagens de acervo das autoras (2019).

Tanto os autores brasileiros quanto os italianos, que abordam e desenvolvem o trabalho na perspectiva da cooperação, do raciocínio das cem linguagens das crianças e da produção de sentido com as mini-histórias, provocam nossas próprias transformações profissionais e dos membros da comunidade de aprendizagem. Nesse cenário, tal proposta

tem gerado a participação em diferentes prêmios, por meio do diálogo dessas práticas integradas ao nosso estilo de trabalhar na Educação Infantil.

DISCUSSÕES E FORMAS DE EXPRESSÃO

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.
(Freire, 1996, p. 47).

Com a prática realizada algumas discussões são relevantes, no sentido de identificar que as experiências com mini-histórias (assim como o ateliê) têm um efeito importante, provocador e perturbador sobre ideias didáticas ultrapassadas (Gandini, 2019). Para isso, o professor precisa estar em constante formação, que implica inclusive sedução estética e narrativa, princípio centrado no cuidado com o outro, na escolha de materiais inteligentes, na harmonia estabelecida na combinação entre os mesmos, para que ocorra caminhos possíveis a investigações, experiências, tentativas e aprendizagens lúdicas, com a atualização do próprio trabalho pedagógico. Superar a acomodação e os pretextos para justificar a falta de comprometimento com a cultura da infância exige do professor o planejamento de ações e espaços para a aprendizagem das crianças enquanto garantia de práticas inventivas que façam sentido para as crianças, famílias e a comunidade. É possível desenvolver práticas dentro do contexto com intencionalidade educativa e conhecimento epistemológico, refletindo sobre o que se está fazendo na prática e não apenas reproduzindo o que sempre se fez nas escolas de Educação Infantil. É cada vez mais necessário que toda a criança seja respeitada em seu protagonismo infantil de ser ativo na construção do seu processo de aprendizagem. Isso engloba as possibilidades relacionadas à escolha das materialidades, concepções, discursos e interações, bem como o respeito ao tempo e ao processo das aprendizagens na infância, da escuta sensível do educador diante de sua fala, gestos e comportamentos (do corpo como um todo) da criança no cotidiano escolar.

Outro ponto que merece atenção é o fato da motivação pessoal e profissional do educador. As oficinas tiveram mais sucesso e envolvimento com as participantes que buscavam formação e novos conhecimentos por interesse gerado pelo próprio trabalho. A ressignificação de saberes no cotidiano escolar assusta, pois pressupõe sair da zona de conforto e criar com as próprias mãos, um lugar de sensibilização, exploração, um ambiente escolar planejado para conectar as crianças com o mundo. Contudo, é extremamente gratificante quando podemos olhar para trás e ver o quanto avançamos no trabalho profissional, ou seja, como professor que valoriza a bagagem cultural de cada educando em sua singularidade, o tempo e o espaço para a criação conjunta na escola, bem como para a potencialização do brincar simbólico e a contemplação de todos os campos de experiência, por meio das mini-histórias (Brasil, 2017). O olhar que se tem em relação à infância e as crianças influi diretamente na construção dos registros. A forma como o professor descreve determinada situação conta, por vezes, muito sobre sua prática pedagógica e no que acredita.

As mini-histórias enquanto registros das histórias vivenciadas nas infâncias refletem também o profissional, suas escolhas e formas de narrar aquela criança em ação, alcançando as mais variadas áreas do conhecimento humano e seus saberes de interação com as questões históricas, antropológicas, científicas e educativas (Conte; Cardoso, 2022b).

Os mecanismos de reprodução cultural e social, acentuados por meio das tecnologias (textos, fotos, imagens digitais) desde a Educação Infantil precisam ser ressignificado pelos professores como reinvenção criativa, intercambiando linguagens e recriando os mundos da infância. A escola não pode continuar sendo o local que nega, que foge do diálogo com esse importante meio de comunicação e socialização de aprendizagens. É emergente que os profissionais da educação saibam mediar esses mundos e usar as tecnologias em benefício do desenvolvimento e da educação integral da criança à produção do conhecimento social.

As evidências científicas mostram que no caminho de horizontalidade todos aprendemos em comunicação, inclusive as famílias se predispõem a participar mais do cotidiano escolar e acompanhar o desenvolvimento das crianças em ações indissociáveis ao que vivemos, para o exercício competente da própria condição humana em suas experiências sociais e colaborativas. Para ilustrar as possibilidades dos processos que transcorrem do trabalho com as mini-histórias, incluímos abaixo, quatro registros de como as crianças produzem linguagens interpessoais, conversação aberta e espontânea de experimentações e memórias, imaginando e brincando, a partir das proposições pedagógicas no cotidiano escolar.

Um bom chimarrão



Heitor foi o primeiro a trazer sua cuia para as rodas de chimarrão. Empolgado mostrou a todos seu enfeite, bomba e detalhes, enquanto contava o quanto gostava de um bom chimarrão. Nas rodas protagonizou momentos de conversa e brincadeiras com os amigos, divertindo-se ao ensinar aos colegas que tem que “roncar” o chimarrão. Entre muitas cuias e conversas, percebemos o quanto essa cultura é presente na vida de Heitor, e nos alegramos em poder viver experiências assim com ele, onde o menino traz momentos do seu cotidiano para a escola.



Criança: Heitor Texto e imagens: Cristiele
Turma FE2A Setembro/2022



Imagem 10 – Mini-histórias no cotidiano escolar.

Fonte: Imagens de acervo das autoras (2022).

Minha obra

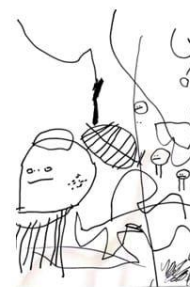
Durante a sessão Stephanie analisa a obra de Tarsila do Amaral: - **é a praia profe!** Começa então seu desenho e enquanto faz vai explicando e mostrando no desenho e na obra...

- **Aqui a mãe, o pai, a Têfi... Olha tem o cachorro da Têfi também. Muito engraçado isso!**

Acho graça da naturalidade da menina e pergunto o que mais tem, ela então volta seu olhar novamente e descobre novos elementos:

- **Olha profe, tem plantas, casas, e outro animal, vou fazer ele aqui ó, e a casa aqui em cima!**

E assim com muita tranquilidade, e divertindo-se com o que encontra na obra Stephanie vai criando sua obra, incluindo-se e trazendo significado à essa experiência.



Criança: **Stephanie** Texto e imagens: **Cristiele** Turma **FE2A** Setembro/2022



Imagem 11 – Mini-história que conta uma proposta.

Fonte: Imagens de acervo das autoras (2022).

PESCARIA



Pedro pega um pedaço de palha no chão da sala, vai para trás de uma prateleira, e diz: - Vou pescar igual o papai. Olha peguei um peixe!

Logo Isabella, Alice e Enzo se juntam nesta brincadeira de faz de conta.

Os blocos de madeira se tornam peixes, e cada vez que conseguem pescar um, é uma festa repleta de gargalhadas!

Foi encantador observar esta brincadeira, onde cada um queria pescar mais peixes. Na interação ficaram mais próximos um do outro, contando sobre suas pescarias, dividindo sorrisos e alegrias!

Crianças: **Pedro, Isabella, Enzo e Alice** Turma **FE2A** Texto: **Denise** Imagens e edição: **Cristiele** Outubro/2022



Imagem 12 – Mini-história do cotidiano.

Fonte: Imagens de acervo das autoras (2022).

TRAÇOS
COMPARTILHADOS



Desenhos começam surgir no pátio. Pedro afirma que fez o Miguel. Em seguida os colegas se aproximam e questionam: - **E os olhos? E as pernas?**

Juntos vão dando detalhes aos desenhos dos colegas, e em instantes o chão está repleto de figuras que vão nomeando:
- **É o Lorenzo, a Téfi, ó profe tu, vou pintar tua roupa de azul!**
- **Um bebezinho também!**

Traços compartilhados em uma tarde, repletos de significado, pensamento e muito aprendizado!



Crianças: **Pedro, Miguel e Lorenzo Gabriel** Turma FE2A. Texto e imagens: *Cristiele* Outubro/2022



Imagem 13 – Mini-história de uma brincadeira no pátio.
Fonte: Imagens de acervo das autoras (2022).

NOTAS FINAIS - AS SINGULARIDADES DAS EXPERIÊNCIAS

Assim, o papel da documentação pedagógica, da narrativa visual e poética realizada com as experiências colaborativas aqui descritas foram utilizadas para a investigação, servindo como estratégias de produção de conhecimentos para contar histórias reais, vividas no cotidiana da escola, na singularidade das existências e práticas, além de desvendar os processos de compreensão das visualidades como dispositivos de engajamento e (co)autoria. Algumas questões acerca das singularidades das experiências pedagógicas desenvolvidas com mini-histórias vêm à tona pelo interesse dos participantes durante as oficinas, bem como pela reflexão sobre a própria prática, que nos convidam a outras investigações metodológicas, em termos de (re)construção de conhecimentos vinculados ao agir cooperativo. Estes movimentos e mudanças formativas nos provocam outras questões: como e por que documentar os processos de formação desde a EI? Como desenvolver o olhar investigativo na EI? No que impacta o comprometimento pedagógico e o trabalho conjunto para a busca de sentido da cultura infantil? “Pode-se falar do agir humano em geral e nele englobar as práticas artísticas, ou estas constituíram uma exceção às outras práticas”? (Rancièrè, 2009, p. 63).

Talvez um passo importante para o processo formador esteja no encontro comunicativo com o outro pela cultura da infância, no sentido de estimular a partilha do

sensível que dá forma à comunidade de investigadores, com práticas educativas repletas de expressão e (co)autoria. Os exemplos aqui discutidos, em cada oficina, são evidentemente uma pequena amostra do desenvolvimento dos participantes, dando a oportunidade de compartilhar práticas e aprender junto em meio aos desafios da atualidade. Esse processo despertou a criatividade como qualidade do pensamento e o desejo pela formação permanente de professores (Gandini, 2019). Precisamos investir esforços e estudos para compartilhar experiências na prática pedagógica cotidiana, pois vemos nos cursos de formação universitária a inexistência de professores identificados com o projetar-se da realidade escolar. Teoria sem prática torna-se um abstracionismo pedagógico descontextualizado. Formação profissional sem prática sociocultural não faz sentido. Por acaso, um médico em formação é ensinado por um professor de medicina que nunca operou alguém? Da mesma forma, professores de graduação, especialização e outros cursos precisam saber do que estão falando, além de buscar atualização constante, realizando pesquisas dos contextos educacionais que são moventes e (re)construídos a todo instante.

As mini-histórias projetam experiências complexas de interação humana, comunicação dos contextos vividos, confirmam sua autenticidade e relevância ao serem reconhecidas e potencializadas na produção pedagógica interpares. Se faz extremamente necessário compartilhar as práticas desenvolvidas na Educação Infantil, para inspirar outros profissionais a desenvolverem um trabalho mais respeitoso e honesto com as crianças. Soma-se a isso, o fato da valorização da Educação Infantil que só ocorrerá se o professor tiver coragem de buscar formação permanente, novas fontes de aprendizagem e cultivar saberes epistemológicos da profissão para narrar seus percursos formativos, tornando-se um professor pesquisador junto às crianças. A ideia das mini-histórias precisa ser construída na estrutura mental de um educador que saiba escutar, tirar o invisível de todas as linguagens (oral, corporal, visual, de estar com o outro), dando vida ao trabalho pedagógico realizado na Educação Infantil, pois nessa etapa relacionamos a vida com o obrar-se humano.

REFERÊNCIAS

ALVARADO PRADA, L. E. Pesquisa coletiva como um caminho na formação de professores. *ENCONTRO DE PESQUISAS EM EDUCAÇÃO*, 3., 2005, Uberaba. *Anais* [...]. Uberaba: UNIUBE, 2005. p. 626-637.

ALVES, R. **O amor que acende a lua**. 8. ed. Campinas: Papirus, 1999.

ANDRÉ, M. E. D. A. **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. 8. ed. Campinas: Papirus, 2008.

BENJAMIN, W. **Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em:

http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf
Acesso em: 3 out. 2023.

CONTE, E.; CARDOSO, C. B. S. **Experiências formativas com mini-histórias:** pesquisas contemporâneas. 1. ed. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022a.

CONTE, E.; CARDOSO, C. B. S. **Experiências Formativas de mini-histórias:** olhares para fora no período da pandemia. 1. ed. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023.

CONTE, E.; CARDOSO, C. B. S. Pesquisa-formação com mini-histórias na educação infantil. **Educação e Pesquisa**, v. 48, p. 1-23, 2022b. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/Y54qv6gGpKwXzpGdPLtp8kN/?lang=pt>. Acesso em: 3 set. 2023.

FOCHI, P. S. **Mini-histórias:** rapsódias da vida cotidiana nas escolas do Observatório da Cultura Infantil - OBECI. 1. ed. Porto Alegre: Paulo Fochi Estudos Pedagógicos, 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GANDINI, L. Do início do ateliê aos materiais como cem linguagens: pensamentos e estratégias de Loris Malaguzzi. *In:* GANDINI, L.; HILL, L.; CADWELL, L.; SCHWALL, C. (org.). **O papel do ateliê na educação infantil:** a inspiração de Reggio Emilia. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2019. p. 27-38.

GANDINI, L.; EDWARDS, C. (org.). **Bambini:** a abordagem italiana à educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2002.

GONZÁLEZ, S. S.; MARTÍN, S. C.; GONZÁLEZ, M. C. Factores de calidad determinantes de la formación práctica de los estudiantes de educación. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 105, p. 817-838, out./dez. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/PFKDyQVP6Y3BmBbZtbS9hNp/abstract/?lang=es>. Acesso em: 3 set. 2023.

JOSSO, M. C. As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 373-383, maio/ago. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/s6NdjwQC6LGVHJWXNb9753R/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 3 set. 2023.

MILLER. [L'écoute]. 1986. 1 ilustração. Disponível em: <https://pin.it/1Vz3f3E>. Acesso em: 3 set. 2023.

MIRANDA, M. I. Pesquisa-ação escolar: uma alternativa de enfrentamento aos desafios educacionais. *In:* SILVA, L. C.; MIRANDA, M. I. (org.). **Pesquisa-ação:** uma alternativa à práxis educacional. Uberlândia: EDUFU, 2012. p. 13-28.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez, 2006.

NÓVOA, A. Relação escola-sociedade: novas respostas para um velho problema. *In*: SERBINO, R.; RIBEIRO, R.; BARBOSA, R. L. L.; GEBRAN, R. A. (org.). **Formação de professores**. São Paulo: UNESP, 1996. p. 19-40.

RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível**. 2. ed. São Paulo: EXO Experimental, 2009.

SÁNCHEZ, S. A. Visualidade, produção de conhecimento e pedagogia da mirada. *In*: MARTINS, R.; TOURINHO, I. (org.). **Processos e práticas de pesquisa em cultura visual e educação**. Santa Maria: Editora da Universidade Federal de Santa Maria, 2013. p. 345-370.

SANTOS, C. B.; CONTE, E.; HABOWSKI, A. C. Pedagogia das imagens na educação infantil - mini-histórias e a documentação pedagógica. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, v. 10, p. 1-16, 2019. DOI: 10.22294/eduper/ppge/ufv.v10i.8127. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/educacaoemperspectiva/article/view/8127>. Acesso em: 3 set. 2023.

TURRA-DÍAZ, O.; FLORES-LUEG, C. La formación práctica desde las voces del estudiantado de pedagogía. **Ensaio: aval. pol. públ. educ.**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 103, p. 385-405, abr./jun. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/9hrB3vcQmBkmBFRMZjwq5wH/abstract/?lang=es>. Acesso em: 3 set. 2023.

WITGENSTEIN, L. **Culture and value**. Chicago: The University of Chicago Press, 1984.

AUTORIA:

* Mestrado em Educação pela Universidade La Salle, Canoas, RS. Professora da Rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo. Contato: cristieleborges2@hotmail.com

** Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade La Salle, Canoas, RS. Contato: elaine.conte@unilasalle.edu.br

COMO CITAR ABNT:

CARDOSO, C. B. dos S.; CONTE, E. Mini-histórias: experiências de formação e pesquisa. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 23, p. 1-25, 2023. DOI: 10.20396/rho.v23i00.8661282. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8661282>. Acesso em: 15 dez. 2023.

Notas

¹ Agradecemos à Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), por financiarem a pesquisa.

² As mini-histórias permitem a construção de conhecimentos visuais da infância pela escuta sensível das crianças que estão crescendo nas creches, por meio de registros fotográficos e da documentação

pedagógica, assegurando o direito das crianças à narração por imagens e a garantia de que as suas vozes, gestos e expressões sejam levadas em consideração como um conectivo para aprendermos a ser professores. As imagens presentes neste artigo foram produzidas com a autorização de todos os participantes, por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE). Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS).

- ³ O experimento “Cidade das Crianças”, de Francesco Tonucci, psicopedagogo do Instituto de Ciências Cognitivas (Itália), investigou como o pensamento das crianças evolui, fazendo com que a escola se mobilize a esse desenvolvimento global e holístico. Essa mobilidade autossustentável é apresentada no Programa Consciência, em 2016. Para saber mais consultar: https://www.youtube.com/watch?v=MMtePYgclwA&ab_channel=educaciontv
- ⁴ Caminhos que servem de inspiração para enriquecer a prática pedagógica e para atender os direitos de aprendizagens das crianças, podemos ver na abordagem de Reggio Emilia, inspirAR, conectAR e historiAR com a professora Dra. Alice Proença. Para saber mais consultar: https://www.youtube.com/watch?v=0_DsluKCXVE&list=RDLV0_DsluKCXVE&start_radio=1&rv=0_DsluKCXVE&t=3154&ab_channel=Est%C3%BAdiodePinturaApotheke
- ⁵ A escultura de rua foi construída pelo artista francês Henri de Miller (1953-1999) e nomeada de *Écoute* (Escuta). Trata-se de uma obra instalada em 1986, em frente à Igreja Santo Eustáquio, ao lado do *Forum Les Halles* que abriga ao mesmo tempo um grande shopping center e a maior estação de trem subterrânea. Para saber mais consultar: [https://fr.wikipedia.org/wiki/%C3%89coute_\(sculpture\)](https://fr.wikipedia.org/wiki/%C3%89coute_(sculpture)) e consultar https://www.youtube.com/watch?v=0mm1s9YjyY&ab_channel=GabrieleAlbuquerque
- ⁶ Sobre essa questão, vejam a fala do grande pensador Paulo Freire: https://fb.watch/g_q85bR63v/
- ⁷ Os referidos softwares básicos se tratam do pacote Office da Microsoft, em específico Word, Excel e Power Point considerados imprescindível a utilização destes softwares no cotidiano do trabalho em escritórios.
- ⁸ Desde 2016, há proposições diferenciadas nesse campo, voltadas a uma pedagogia da autonomia na EI, conforme os registros compartilhados dos projetos pedagógicos de fazer papel reciclado e sabão com óleo de cozinha, trabalhando um olhar ecológico e de sustentabilidade com as crianças. Para saber mais consultar: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=1563923143621560&set=a.1188016824545529> e consultar <https://www.facebook.com/photo/?fbid=1565392640141277&set=a.1565391043474770>